



Medo Mortal

Robin Cook

Edição integral

Título original: Mortal fear

Tradução: José Luiz Meurer

Capa: Tide Hellmeister

Copyright © 1988 Robin Cook

Círculo do Livro

Idioma: Português – Br

Digitalizado, revisado e formatado por SusanaCap

www.portaldetonando.com.br/forumnovo



Agradecimentos

Este livro não poderia ter sido escrito sem o apoio e o estímulo de todos os amigos que me ajudaram numa época difícil.

Vocês todos sabem quem vocês são, e vocês todos têm a minha mais profunda gratidão.

Dedicatória

Para meu irmão mais velho, Lee,
e para minha irmã mais nova, Laurie.
Nunca estive entre duas pessoas mais amigas.

Prólogo

11 de Outubro, quarta-feira, à tarde

O SÚBITO APARECIMENTO das proteínas estranhas foi, no plano molecular, o equivalente da Peste Negra. Foi uma sentença de morte, sem qualquer possibilidade de apelação, e Cedric Harring não tinha nenhuma noção do drama que estava para acontecer no seu íntimo.

Em nítido contraste, cada célula do organismo de Cedric Harring sabia exatamente quais as desastrosas conseqüências que estavam por vir. As misteriosas proteínas novas que se infiltravam no meio das células atravessaram-lhe as membranas e tinham um poder avassalador; as pequenas quantidades de enzimas capazes de fazer frente às invasoras eram totalmente inadequadas, insuficientes. No interior da hipófise de Cedric, as novas proteínas letais tinham condições de se ligar aos repressores que cobriam os genes do hormônio da morte. Desse momento em diante, estando os genes fatais expostos, o desfecho era inevitável. O hormônio da morte começou a ser sintetizado em quantidades sem precedentes. Penetrando na corrente sangüínea, espalhou-se pelo organismo de Cedric. Célula alguma estava imune. O fim era apenas uma questão de tempo. Cedric Harring estava por se desintegrar, retornando aos seus elementos estelares.

A DOR foi como a de uma facada, lancinante, começando em algum lugar do peito e irradiando-se rapidamente para cima, em paroxismos que cegavam, chegando a paralisar-lhe a mandíbula e o braço esquerdo. Instantaneamente Cedric sentiu o terror do medo fatal da morte. Cedric Harring jamais havia sentido algo semelhante.

Num ato reflexo, agarrou com mais força o volante do carro e, respirando penosamente, conseguiu manter o controle do veículo, que já começava a se desgovernar. Vindo da Berkeley Street, terminou entrando na Storrow Drive, no centro de Boston, e acelerou rumando para oeste, misturando-se ao tráfego enlouquecedor da cidade. Diante dele, as imagens da rua flutuavam e depois recuavam, como que situadas ao fim de um longo túnel.

Com toda a sua força de vontade, Cedric resistiu à escuridão que ameaçava engoli-lo. Gradualmente, o cenário clareou. Cedric ainda estava vivo. Em vez de aumentar o esforço, assim lhe dizia o instinto, sua única possibilidade consistia em procurar um hospital o mais rápido possível. Por uma feliz coincidência, o hospital do Good Health Plan não ficava muito longe. Agüente, disse a si mesmo.

Junto com a dor veio um suor profuso, que começou na frente, mas logo se espalhou pelo restante do corpo. O suor provocava-lhe ardência nos olhos, mas Cedric não ousava enxugar o rosto, com medo de perder o controle do volante. Saiu da avenida principal e entrou em Fenway, complexo em forma de parque dentro de Boston, quando a dor retornou, comprimindo-lhe o peito

como se fora um arame de aço. Mais adiante os carros paravam por causa de um sinal de trânsito. Ele não pôde parar. Não houve tempo. Inclinando-se para a frente, apertou a buzina e meteu-se numa brecha. Os carros passavam por ele a centímetros de distância. Ainda deu para ver as caras espantadas e irritadas dos outros motoristas. Estava agora na esquina da Park Avenue com Back Bay Fens, e à sua esquerda havia jardins de plantas maltratadas. A dor agora era constante, intensa, insuportável. Ele mal conseguia respirar.

O hospital era adiante, à direita, onde antigamente se situava um edifício da Sears. Só um pouco mais. Vamos, por favor... aparecia já uma grande tabuleta branca com uma seta vermelha e letras em vermelho que diziam EMERGÊNCIA.

Cedric conseguiu conduzir o carro diretamente até a plataforma diante da sala de emergência, mas freou tarde demais, chocando-se contra o parapeito de concreto. Inclinando-se para diante, acionou a buzina do carro.

A primeira pessoa que se aproximou do carro foi o guarda de segurança. Abriu rapidamente a porta e, tendo dado uma olhada na palidez assustadora de Cedric, chamou por auxílio. Cedric mal conseguiu murmurar, em meio à respiração difícil: "Dor no peito." A enfermeira-chefe, Hilary Barton, apareceu e pediu que trouxessem a maca. Depois que os enfermeiros e o guarda retiraram Cedric do automóvel, um dos residentes que trabalhavam na sala de emergência apareceu e ajudou a colocá-lo na maca. Seu nome era Emil Frank; trabalhava como residente havia apenas quatro meses. Alguns anos antes, teria sido chamado apenas de interno. Também ele notou a pele lívida e o suor abundante de Cedric.

— Sudorese — disse ele com ar importante. — Provavelmente um infarto.

Hilary fez uma expressão de impaciência. Naturalmente que era um infarto. Levou rapidamente o paciente para dentro, ignorando o Dr. Frank, que acomodara o estetoscópio nos ouvidos e se preparava para auscultar o coração de Cedric.

Tão logo chegaram à sala de tratamento, Hilary mandou vir oxigênio, soro para aplicação endovenosa e monitorização eletrocardiográfica, instalando, ela própria, as três principais derivações do eletrocardiograma. Assim que Emil terminou de instalar o soro, ela sugeriu-lhe que fornecesse 4mg de morfina, a serem administrados imediatamente.

Mal a dor diminuiu um pouco, a mente de Cedric clareou. Embora ninguém lhe tivesse dito, ele sabia que havia tido um infarto. Também sabia que tinha estado muito perto de morrer. E mesmo agora, vendo a máscara de oxigênio, o equipamento de soro e o eletrocardiógrafo desenrolando o papel até o chão, Cedric sentia-se mais vulnerável do que em qualquer outra ocasião de sua vida.

— Vamos transferi-lo para a unidade de tratamento coronariano — disse Hilary, — Tudo vai dar certo. — Ela tocou na mão de Cedric. Ele esboçou um sorriso. — Telefonamos para sua esposa. Ela está a caminho.

A unidade de tratamento intensivo coronariano era semelhante à sala de emergência, pelo que Cedric podia perceber — e era também um lugar assustador. Estava cheia de uma tecnologia eletrônica ultra moderna, complexa. Ele podia ouvir seus batimentos cardíacos sendo reproduzidos por um *beep* mecânico, e quando voltou a cabeça conseguiu ver um traçado

luminoso numa tela redonda de TV.

Os aparelhos, ainda que assustadores, davam-lhe certa tranqüilidade. Mas uma tranqüilidade maior vinha do fato de que o seu médico particular, contactado por telefone logo após a admissão de Cedric, acabava de chegar à UTCI.

Cedric era paciente do Dr. Jason Howard fazia cinco anos. Começara a consultá-lo quando seu empregador, o Boston National Bank, insistira em que os executivos seniores se submetessem a exames médicos anuais. Quando o Dr. Howard inesperadamente vendera seu consultório particular, alguns anos antes, e passara a fazer parte do Good Health Plan (GHP), Cedric obrigatoriamente o acompanhara. A mudança efetuada exigira que se mudasse o seu plano de saúde da Blue Cross para a modalidade de pagamento prévio, mas o que atraía Cedric fora o Dr. Howard, e não o GHP, e Cedric dissera isto ao Dr. Howard, em termos muito explícitos.

— Como está passando? — perguntou Jason, segurando no braço de Cedric, mas prestando mais atenção à tela do ECG.

— Não... bem — murmurou Cedric. Precisou respirar várias vezes para poder emitir as duas palavras.

— Quero que você procure relaxar. Cedric fechou os olhos. Relaxar! Que piada!

— Sente muita dor?

Cedric fez que sim com a cabeça. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Mais uma dose de morfina — ordenou Jason. Dentro de alguns minutos depois da segunda dose, a dor tornou-se mais suportável. O Dr. Howard estava conversando com o residente, assegurando-se de que

tinham sido obtidas as amostras de sangue necessárias aos diversos exames, e pediu um tipo de cateter. Cedric olhava o seu médico, tranqüilizado por ver o Dr. Howard, com seu perfil elegante e aquilino, agir com competência e segurança. E o melhor de tudo era poder sentir a sua dedicação afetuosa.

— Vamos ter que fazer uma pequena cirurgia — disse Jason. — Introduziremos um cateter de Swan-Ganz para podermos ver o que está acontecendo aí dentro. Usaremos anestesia local, de modo que não vai doer, está bem?

Cedric assentiu com a cabeça. Por ele, o Dr. Howard tinha carta branca para fazer tudo que achasse necessário. Cedric apreciava o jeito de ser do Dr. Howard. Ele nunca repreendia seus pacientes — nem mesmo quando, ao examiná-lo três semanas antes, alertara-o quanto à alimentação de alto teor de colesterol, ao hábito de fumar dois maços de cigarros por dia e à falta de exercícios físicos. Ah, se eu tivesse escutado, pensou Cedric. Mas embora o Dr. Howard houvesse considerado de modo tão sombrio os hábitos de vida de Cedric, ainda assim admitira que os exames estavam bons. Seu colesterol não estava alto demais, e seu eletrocardiograma não revelara qualquer anormalidade. Tranqüilizado, Cedric adiarda os planos de parar de fumar e de começar a praticar exercícios.

Então, menos de uma semana depois do exame médico, Cedric sentira como se estivesse para contrair gripe. Mas isso fora só o começo. Seu sistema digestivo começou a desarranjar-se, e ele passou a sofrer de terrível artrite. Até mesmo a visão pareceu piorar. Lembrou-se de ter falado à esposa de que se sentia como se tivesse envelhecido trinta anos. Estava com todos os sintomas experimentados por seu pai nos seus meses finais de vida no asilo. Às vezes, quando

inesperadamente se via no espelho, tinha a impressão de estar olhando para o fantasma do falecido pai.

Apesar da morfina, Cedric sentiu uma súbita dor em punhalada, um esmagamento no peito. Sentiu-se como que desaparecendo dentro de um túnel, a mesma sensação que tivera ainda dentro do carro. Ainda conseguiu ver o Dr. Howard, mas o médico estava demasiado longe, e sua voz ia sumindo. Então o túnel começou a se encher de água. Cedric sentia-se asfixiado e tentava nadar até a superfície. Seus braços buscavam desesperadamente um ponto de apoio no ar.

Mais tarde, Cedric recuperou a consciência, por alguns momentos de agonia. Ao mesmo tempo que lutava para voltar à lucidez, sentia uma pressão intermitente no tórax e algo colocado na garganta. Alguém estava ajoelhado ao seu lado, apertando-lhe o peito com as mãos. Cedric estava para emitir um grito, quando houve uma explosão no seu peito e sobre ele desceu uma escuridão como um manto de chumbo.

A morte sempre tinha sido o inimigo para o Dr. Jason Howard. Quando era residente no Massachusetts General Hospital, acreditava, até as últimas conseqüências, estar engajado nesse combate contra a morte, e por isso nunca desistia de um caso de parada cardíaca, a menos que ordens superiores mandassem suspender os esforços de ressuscitação.

Agora, recusava-se a acreditar que esse homem de 56 anos, que ele examinara havia apenas três semanas e que fora considerado, de modo geral, uma pessoa sadia, estivesse a um passo da morte. Era um desafio pessoal.

Levantando os olhos para o monitor, que ainda mostrava atividade eletrocardiográfica normal, Jason apalpou o pescoço de Cedric. Não conseguiu sentir

nenhuma pulsação.

— Dêem-me uma agulha cardíaca — pediu. — E alguém veja a pressão sangüínea. — Uma grande agulha cardíaca foi posta na sua mão enquanto ele apalpava o tórax de Cedric para localizar a borda do esterno.

— Não há pressão sangüínea — comunicou Philip Barnes, anestesiológista que atendera ao chamado em código, emitido automaticamente quando Cedric sofrera parada cardíaca. Ele colocara um tubo endotraqueal na traquéia de Cedric e ventilava-o com oxigênio, comprimindo uma bolsa de Ambu. Para Jason, o diagnóstico era evidente: ruptura cardíaca. Com o ECG ainda sendo registrado, mas não havendo ação de bombeamento do coração, prevalecia uma situação de dissociação eletromecânica. Só podia significar uma coisa. A parte do coração de Cedric que sofrera privação da irrigação sangüínea acabou por se romper como um bago de uva espremido. Para comprovar esse diagnóstico extremamente sombrio, Jason introduziu a agulha cardíaca no tórax de Cedric, perfurando o envoltório pericárdico. Quando fez recuar o embolo da seringa, esta encheu-se de sangue. Não havia dúvida. O coração de Cedric rompera-se dentro do tórax.

— Vamos levá-lo ao centro cirúrgico — ordenou Jason em voz alta, agarrando a extremidade do leito. Philip fez uma cara de desalento para Judith Reinhart, a enfermeira-chefe da unidade coronariana. Ambos sabiam que era inútil. Quando muito, conseguiriam conectar Cedric à máquina coração-pulmão, mas, e daí?

Philip parou de ventilar o paciente. Mas, em vez de ajudar a empurrar o leito, encaminhou-se para Jason e amavelmente colocou o braço sobre o seu ombro, apertando-o:

— Foi mesmo ruptura cardíaca. Você sabe. Eu

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

